

## PREÂMBULO

### Senhores e Ganhadores do Mundo

Encontramos, frequentemente, circunstâncias e pessoas que nos fazem refletir, nos perturbam. Inescrupulosos, coléricos, orgíacos, rufiões, astutos, turbulentos, gananciosos, enfim - ainda que vestidos ricamente, bafejados de ouro e perfumes caros – seres dotados de um magnetismo deletérico, um psiquismo inferior, impulsivo, egoísta, lúbrico, subjulgados por um automatismo instintivo.

Não são vibráteis às injunções e apelos da consciência espiritual, girando em torno do “eu” inferior, de um primarismo quase animalesco, imaturo, apegados a posses, ostentações, ambições materiais incontroláveis, a impudência. São capazes de levar à miséria, pessoas de quem são credoras; dinamitam instalações e matam friamente a fim de levar valores; se religiosos, erguem templos faustosos, surrupiam fieis, gastam fortunas em eventos caríssimos; outros derrubam florestas, clandestinamente ou à luz do dia, geralmente ante a omissão de autoridades; são capazes de abater árvores de todo um quarteirão com a desculpa de que entopem as calhas ou sujaram a frente de suas casas; corrompem, roubam o Erário, sonegam, deixando milhões de cidadãos-contribuintes sem escolas, remédios, hospitais, estradas, serviços de saneamento, creches, albergues.

Seres que levam existência rudimentar, com objetivos pessoais estreitos, passando, pelas rotas do mundo, escravizados ao ego aviltado, quase não deixam ensinamentos e exemplos para outrem, sequer réstias de luz à sua ruinosa passagem. Pouco ou nada semearam de trigo – pelo contrário, semeadores de ervas daninhas, obstinados em ter e poder, vivendo muitos da astúcia, luxúria, ilicitude, falta de escrúpulos, prevaricação, contravenção, rapinagem em seus negócios e relações sociais. Se, no comando político-administrativo, corrompem, fraudam, mobilizando, para tanto, comparsas de sua têmpera: egoístas, inescrupulosos, corruptos, corruptores, numa obstinação de domínio e poder cegos.

Quantos não nadam em fortunas, vida regalada, senhores do poder político, financeiro! Chegam a ser glorificados pela história, com denominações de vias públicas e até de mausoléus. No fundo, têm a alma impregnada de orgulho, belicosidade, vaidade, luxúria, ira, indiferença, hipertrofia ético-espiritual, inaptos e impermeáveis ao desempenho de atividades laboriosas, progressistas, honoráveis.

Somos todos, porém, centelhas divinas dispersas pelas “casas do Pai” em todo o universo e suas cósmicas dimensões, conquanto muitos de nós ainda réprobos, ignaros, caminantes de sendas equivocadas. A Misericórdia Divina a todos ampara e convida, indistintamente, a todos os seres, para que se revistam de especificidade magnética compatível, de “túnica nupcial” coadunada com o ambiente das bodas. O Senhor nos acompanha benevolmente, nos redime de nossas estultícias, vaidades, despotismo, através da magnitude do bem e da doação ao próximo e, em especial, de Seu Sacrifício por todos os homens.

## AO PÉ DA FOGUEIRA A VACA ‘SUIÇA’

Vaca “assuiçada”, cor castanho-vermelha, recém produzida, excelente cria ao pé, logo chamaria a atenção e curiosidade de muitos. Sua fama atravessaria celeremente os tapumes da fazenda, quer pelo seu belo visual, quer pelo fato de ser mocha por natureza, algo incomum, sugestivo à época. De propriedade do sr. João Bosco Ribeiro, extremamente dócil, ordenha macia, produzia 6 a 7 litros de leite a pasto, o que era, igualmente, um fenômeno por aqueles tempos, inícios da década de 1960, em que não havia silagem, rações específicas para rebanho leiteiro.

Muitos passaram a cobiçá-la. Aquele alvoroço de interessados, vindos de várias partes, entra e sai no curral, a toda hora. Acabou sendo negociada para o sr. José Afrânio da Matta, por vinte mil cruzeiros (pagas com 4 notas de “Tiradentes” na efígie, que valiam, então, Cr\$ 5.000,00 cada). O sr. Dalmo do Juca Sabino, exímio cavaleiro, experiente condutor de rebanhos, foi encarregado de conduzi-la até a Serra da Bandeira, propriedade do comprador, providenciando ele, para tal, alguns bois carreiros como “guias” ou “madrinhas”, no intuito de melhor locomoção da vaca e da pequena cria. Cavalgando uma égua pedrês, animal adestrado, calejado na lide com gado, Dalmo chegou cedo, cerca de 6 horas da manhã à fazenda “Saudades de Zélia”, nas beiradas do Rio do Peixe, dali partindo com a vaca e demais bois de companhia. Até a Pavuna, na entrada da cidade, tudo transcorreria bem. Beirava as 7 horas. Ali, porém, a vaca transformou-se, destoou subitamente: virou um corisco, embarafustando por uma galeria, cheia de espinheiros e somente, após muito esforço, isso já pela uma, duas horas da tarde, conseguiria ser desentocada. Dá-se prosseguimento àquela já agora inglória tarefa. Tornara-se a vaca violenta, incontrolável, atacando furiosamente o cavaleiro, pedestres, sombras, investindo até mesmo contra curiosos e pessoas assomadas nas janelas. Adentrando, enceguedida, a Rua do Catimbau (hoje Rua S. José), invadiria residências, atravessaria cercas, destruiria quintais, estacando, ao final, colada a uma grossa árvore, no quintal da residência do sr. José Cândido, tradicional marceneiro local. Como se em estado cataléptico, ou se atingida por um raio paralisante, o animal ali permaneceu, por tempos, inteira e estranhamente imóvel, ainda que açulada por cães, gritos, ferrões. Nada a retirava do local. Ao final, desmontou de vez.

Chamado o sr. Odilon de Almeida, conhecido e experiente açougueiro local, este disse: - a vaca tá morrendo. A única saída foi sangrá-la!

Daí o povo dizer: Morreu de raiva!



# ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? Qual o céu que não possui estrelas?
- 2- O que é, o que é? Que é irmã de minha tia e não é minha tia?
- 3- O que é, o que é? De dia tem quatro pés e de noite tem seis?
- 4- Por que o computador foi preso?

Respostas: 1- O céu da boca; 2- minha mãe; 3- A cama; 4- Porque ele executou um program

## Provérbios e Adágios

- Azeite de cima, mel de meio e vinho do fundo não enganam o mundo
- Mais vale uma palavra antes que duas depois
- No melhor pano cai a nódoa
- Sem pano não se arma a tenda



### Para refletir:

• Um sonho começa a ser realidade quando sonhamos juntos, olhamos para além das limitações e ousamos caminhar caminhos novos, às vezes pedregosos, às vezes escorregadios, mas sempre desafiantes. Não obstante, nenhuma dificuldade, nenhum obstáculo é mais angustiante do que se caminhar solitário, sem mãos que se tocam, sem ombros que se apoiam, sem olhos que se olham...

(Abraham Lincoln)

• Nosso medo maior não é o de que sejamos incapazes. Nosso medo maior é de que sejamos poderosos além da medida. É nossa luz, não nossa escuridão, que nos amedronta.

(Nelson Mandela)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO  
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

## HOMENAGEM

O IHGST (Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago) felicitava o amigo Dr. Wainer Carvalho Ávila por sua inclusão como membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

O dinâmico são-joanense e cidadão honorário de São Tiago é merecedor dessa distinção porquanto se empenha pela preservação da história e da memória de nossas cidades e região.

É um grande defensor do patrimônio histórico “Casa do Pombal” (local onde nasceu Tiradentes).

Membro da Academia de Letras e do IHG de São João del-Rei.

Dr. Wainer é um obstinado defensor do patrimônio cultural.

Merece nossa homenagem neste mês de Agosto em que se realiza a VI Jornada Cultural de Minas Gerais, com o tema: **Um novo olhar sobre o Patrimônio Cultural.**

**Cairú – Membro do IHGST  
Curadora do Memorial Santiaguense**

## FUNÇÃO DE EMPRESAS ASSOCIATIVAS

Associações, cooperativas são empresas de pessoas, portanto de cunho social, criadas especificamente para suprir lacunas e necessidades – sejam elas econômicas, culturais, sociais e outras – antes não atendidas (omissão do poder público ou do mercado) ou atendidas por intermediários, atravessadores, agiotas, tendo estes como único objetivo a lucratividade.

Uma iniciativa associativista é um desafio para que as pessoas – de forma participativa, inclusiva, colegiada – assumam seus direitos e deveres de cidadania e busquem solucionar problemas de interesse coletivo, através da autoajuda, com foco no bem comum. Associações e cooperativas não existem para “ajudar” caritativamente ou de forma clientelista os seus associados, mas para que sejam orientados, apoiados, façam negócios justos, garantindo que todos tenham acesso aos produtos e serviços de que necessitam, prestados pelas associações e cooperativas nas mesmas condições para todos os filiados (princípio da equidade). Não se pode ter visão imediatista e sim de longo prazo! As instituições sociais, como qualquer outra empresa comercial, necessitam evoluir, serem fortes, bem administradas, competitivas, profissionalizadas, buscar resultados em meio a um mercado feroz e, por vezes desleal concorrência. Trazem elas segurança aos associados e às comunidades onde atuam, pois suas ações e resultados beneficiam a todos, indistintamente, e não somente aos “espertos e oportunistas de plantão”.

Sugestão: que as associações locais/regionais (comerciais, produtores) busquem se profissionalizar, prestando serviços de fato aos associados e à comunidade. Central de Compras é de máxima urgência.

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# PODER E PERVERSÃO

Segundo Freud não é fácil, em termos de política e poder, se pautar pela ética, pela justiça. Conciliar civilização e pulsão. A convivência, de forma equivalente, impoluta, entre o social e o estatal. O ser humano, ainda segundo o notável cientista austríaco, é essencial, singularmente pulsante, imerso em interesses que lhe gerem a fruição do gozo – daí a ganância pelo dinheiro, pelo poder absolutista, por vaidades, o exercício até à exaustão, do fático, do narcisismo, do egoísmo; a rejeição à igualdade, à inclusão e mobilidade social; a resistência às mudanças de códigos internalizados, petrificados secularmente, em um Estado e sociedade atavicamente assenhoreado por “donos” e “servos”, por “nobres” e “plebe”, por “predadores” e “presas”. O locupletar-se a qualquer custo e sempre, é a regra geral!

Teríamos/temos que proceder a mudanças culturais, de valores. A transmutação do obsessivo enfoque nos bens materiais. A ruptura com o psiquismo egótico que discorda da construção de um mundo iluminista, fraternalista, humanista, de melhor e equânime distribuição da riqueza coletiva.

Grupos dominantes, acumulativos que não desembarcam do poder, apossando-se da mina aurífera somente para si. Resistem a políticas sociais de distribuição da renda, a expansão dos direitos civis, o que, na sua ótica, significa perda de privilégios, a repartição do “queijo”, da riqueza comum. O que se observa, enfim, são classes privilegiadas, cristalizadas no poder, no preconceito, que refutam a convivência, ao compartilhamento do patrimônio público. São grupos, ademais, autoritários, por vezes embusteiros, num país onde o Estado é laico, pretensamente democrático. Se pessoas, a começar das autoridades, se julgam intocáveis, imunes à crítica, ao julgamento judicial e público, a lei então é uma falácia – estaríamos num estado de

direito, mas não de fato. “Onde há autoritarismo não há esperança” (Paulo Freire).

Para Freud, em sua analítica, magnífica obra “Psicologia das massas e a análise do eu”, o homem é um animal de horda e tende a rejeitar o social, toda forma de coletivização. Aprecia perversamente os núcleos de poder onde possa exercer o seu psiquismo espúrio, onde os seus atos são/sejam encobertos. O lobo que se agarra freneticamente ao seu pedaço de carne. E qualquer indicio da presença de outro comensal, que não pertença à súpica, parece-lhe uma deterioração dos seus “direitos”, uma invasão e violação de seu território. Poder e corrupção, via de regra, andam de mãos juntas. Vejamos os assombrosos fatos vivenciados ultimamente em nosso País, com matilhas de autoridades, empresários, políticos saqueando o Estado. Não querem perder o gozo, a senzala, as minas, as burras do Erário.

O gérmen da corrupção está implícito em cada ser humano e pode alcançar qualquer um. Necessário, pois, uma revolução interna, uma guinada em nosso leme, em que a prática da ética, o saber dividir, o saber compartilhar, o dignificar-se o outro sejam novas e sadias rotas.

## POEMA A MORTE

Guita de Moraes e Silva

Ontem, o homem estava sobre a terra; hoje, o homem está sob a terra  
 Ontem, o homem era uma linha vertical; hoje, ele é uma linha horizontal  
 Ontem, o homem pedia por alguém; hoje, alguém deve pedir pelo homem  
 Ontem, o homem rezava; hoje, alguém reza por ele  
 Ontem, a vida do homem era fausto e era amor; hoje, a morte do homem é pranto e solidão  
 Ontem, o homem tinha tudo: dinheiro, amigo, prestígio, família, lutas, apreensões e ambições. Tudo silenciou: um silêncio longo e inquietante – ele está só, terrivelmente só, assustadoramente só.  
 Ontem era a vida estuante de beleza e glória; hoje é a morte triste, fatal e inexorável. Tudo o homem deixou na terra fria, negra, impenetrável e insensível, porque a morte é implacável e dura.  
 Mas, para o Alto, para Deus, o homem continua uma linha vertical, reta, pura e luminosa, porque as suas obras, a sua caridade, o seu amor aos fracos e ao próximo, a morte não leva. A terra não consome. A podridão não destrói, porque são infinitas, porque projetam-se na sabedoria e na onipotência de Deus muito além da morte e da compreensão humana.

(Colaboração – Sr. Marcos Pinto de Oliveira)

# 1765 - CONCESSÃO DE SESMARIA AOS APLICADOS DA CAPELA DE SÃO TIAGO MAIOR E SANTANA SITA ENTRE O RIO DO PEIXE E JACARÉ

Um dos documentos mais consistentes sobre São Tiago e que embasam substancialmente nossa história e religiosidade, é a carta de sesmaria outorgada, em data de 12/09/1765, pelo Governador da Capitania, Capitão General Luiz Diogo Lobo da Silva, em atendimento a petição dos “aplicados da Capella do Apóstolo São Thiago Mayor e Sancta Anna, sita entre o Rio do Peixe e o Jacaré, comarca do Rio das Mortes...”<sup>(1)</sup>

Sobre este exponencial documento, assim se expressa Augusto das Chagas Viegas em “Notícia Histórica do Município de São Tiago”: “É interessante assinalar (...) como consta do Códice 140, fls. 137 a 138v do Arquivo Público Mineiro, foi pelo Capitão General Luiz Diogo Lobo da Silva, Governador da Capitania de Minas Gerais, em 12 de setembro de 1765, concedido “em nome de Sua Majestade Fidelíssima aos Aplicados da Capela do Apóstolo São Tiago Maior e Sant’Ana, sita entre o Rio do Peixe e o Jacaré, termo da Vila de São José, Comarca do Rio das Mortes, de São João Del Rei, em a paragem das Forquilhas, de frente da serra chamada das Canastras, entre os ribeirões também chamados Samburá e o das Ajudas, hua sesmaria de trez legoas de comprido e hua de largo ou trez de largo e hua de comprido ou legoa e meya em quadra por ser certão de criado vacum e cavalari, fazendo pião onde pertencer e não sen-

do em terras minerais nem em aquelas em que semelhante extensão é prohibida pelas ordens de Sua Majestade; porque só conforme a ellas hé que lhes concede esta Sesmaria para sustentação da dita Capella que eles haviam feito à sua custa; com declaração, porem, que serão obrigados dentro de hum anno que se contará da data desta, a demarcalas judicialmente. Sendo para esse efeito notificados os vizinhos com quem partir para alegarem o que for a bem de Sua Justiça e que eles suplicantes serão também a povoarem e cultivarem as ditas terras ou partes delas dentro de dous anos. Dada em Villa Rica de Nossa Senhora do Pillar de Ouro Preto a dose de setembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1765”

Assim conclui Viegas: “Nula, provavelmente, essa concessão por inadimplemento de suas condições, ela todavia corrobora a existência já então da Capela de São Tiago Maior e de Sant’Ana, que eles, aplicados, haviam feito à sua custa” (Op. cit. pp. 6/7)<sup>(2)</sup> Justo e oportuno ressaltar que o citado historiador frisa, linhas atrás em sua obra, que “o início da povoação, hoje cidade de São Tiago, não é de data rigorosamente precisa” (p.5).

Para registro, reproduzimos, em anexo (box) o original da carta de sesmaria (Fonte: APM SC 140, fls. 137 a 138v) bem como sua transcrição aproximada (pesquisadora Ana Paula Gazinelli).<sup>(3)</sup>

O povoamento inicial em todo o território das Minas foi indisciplinado e incontrollável. Gente de todos os cantos, dentre tantas milhares de portugueses, dirigiram-se à região, no intuito de desbravar os sertões e encontrar veios auríferos. Abandonavam tais migrantes suas famílias, ofícios, terras, pátria. Era o sonho da riqueza fácil, fazendo com que aglomerados de pessoas e acampamentos surgissem, quais cogumelos, às centenas, nas adjacências de rios e córregos, encostas das montanhas, onde o ouro era, às vezes, facilmente encontrado. De índole nômade, os mineradores, tão logo ouviam notícias do achado do metal em outros locais, abandonavam suas improvisadas habitações, os parques trastes e pés postos atabalhoadamente por desconhecidas e ardilosas trilhas, assentando-se em outras regiões promissoras. Fome, violência, desordens, mortes eram frequentes.

As autoridades levariam tempos para impor a ordem e estabelecer padrões fixadores e ordenadores de comportamento, mediante regras tributárias, instalação de registros, consolidação do poder administrativo e religioso, o assentamento de moradores nos núcleos urbanos a começar dos membros da poderosa burocracia estatal.

## NOTAS

(1) O termo “Aplicados”, com que se classifica(m) os peticionários (pedido de concessão de sesmaria) tem arraigadas acepções sinonímicas, seja no sentido de “dedicados”, “consagrados”, “fiéis”, seja ainda de “adaptados”, “concentrados”, “moradores estabelecidos”.

(2) Sobre o tema “Capela de São Tiago Maior e Sant’Ana” ver matérias em nossos boletins nº XLIX - out/2011 e CV - junho/2016.

(3) A sra. Ana Paula Gazinelli, museóloga e pesquisadora, residente em Belo Horizonte, é autora do livro (não editado, aguardando patrocínio) “São Tiago, a terra do café com biscoito”.



SC 140 - pág. 137 a 138v

"Os Aplicados da capella do Apostóllo São Thiago mayor, e Sancta Anna. No Rio do Peixe e Jacaré."

Luiz Diogo Lobo da Silva do Conselho / de Sua Magestade Fidelissima comendador da Co/menda de Sancta Maria de Moncor[corroído] da or/dem de Christo Governador e capitão General / da Capitania de Minnas Geraes etc. Faço Sa/ber aos que esta minha carta de Sesmaria virem / que a mim me enviara, a dizer por Sua petição aos / Aplicados da capella do Apostolo São Thiago / Mayor, e Sancta Anna Sita entre o Rio do / Peixe e Jacaré, Comarca do Rio das Mortes / que elles a havia feito a Sua carta, e para a sua / Sustentação e perfeição carecião fazer grande des/jura[?] e por que no certão das cabeceiras do Rio / de São Francisco termo da Villa de São Jose em a / paragem das forquilhas defronte da Serra cha/mada das Canastras entre os Ríbeiroens tambem / chamados Sambuará, e o das Ajudas, districto do / Piaulhy da dita comarca Se achavão terras e campos / devolutos sem habitadores alguns que possuão ser / prejudicados Requerião se lhes concedesse para rendimento da dita capella nas ditas terras Sesma/ria de tres Legoas para criarem gado vacum, e ca/valar com os escravos necessarios a beneficiarem / nas fazendo se o pião para a demarcação e medição onde mais conveniente. Lhes fosse tudo na / forma das Ordens de Sua Magestade : ao que atenden/do Eu e ao que responder os officiaes da Came/ra da Villa de Sam Joze, e os Dito Dezembar/gador da Fazenda Real, e Procurador da Coroa / desta Capitania a quem ouvi de Selhe não / offerecer duvida alguma na concepção desta Sesma/ria visto terem os Supplicantes justificado por teste/munhas na forma da nova ordem do mesmo Se/nhor não ter a dita Capella outra Sesmaria / nem pertender esta para outra alguma pessoa / e tambem por não encontrarem inconveniente / que a prohibisse pela facultade que Sua Ma/[fl.137v] Magestade me permite nas Suas Reaes ordens, / e ultimamente na de treze de Abril de 1738. para / conceder sesmarias das terras desta capitania aos / Moradores della que mas pedirem : Hey por bem / fazer merce como por esta faço de conceder em no/me de Sua Magestade [ilegível] aos Aplicados da Capella / do Apostolo Sam Thiago mayor, e Sancta Anna Sita en/tre o Rio do Peixe, e Jacaré termo da Villa de Sam Joze / Comarca do Rio das Mortes, tres legoas de comprido / e huma de Largo, ou tres de Largo, e huma de comprido / ou Legoa, e meya em quadra por ser esta de criar / gado vacum, e cavalhar, situadas fora de Registros sem / interpolação de outras ainda que sejam inutes na Re/ferida paragem não sendo em parte ou todo della / em áreas prohibidas por prejudiciaes ao Reais inte/resses, não Se extendendo a mais de meya legoa / sendo dentro dos Registros, e das confrontaçoen's as/sima mencionadas fazendo pião onde pertencer / e não sendo as referidas tres Legoas em terras / Mineraes e naquellas em que Semelhante / extinção e prohibida pellas ordens de Sua Magestade / por que só conforme a ellas he qui Lhes concede esta / Sesmaria para Sustentação da dita Capella : com / declaração porem que Serão obrigados dentro em hum / anno que se contará da data desta a demarcaldas judicialmente sendo para esse effeito notificados / os vezinhos com quem partir para allegarem o que / for a bem de Sua justiça, e elles Supplicantes o serão / tambem apovoarem e cultivarem as ditas terras / ou parte dellas dentro em dous annos as quaes / não comprehenderão ambas as margens de algum Rio navegável, por que neste lado ficará / de huma, e outra banda delle a terra que baste / para o uzo publico dos passageiros, e de huma das / bandas junto a passagem do mesmo Rio se dei/xará Livre meya Legoa de terra para comodidade / publica, e de quem arrendar a dita passagem / como determina a nova Ordem do mesmo Senhor / de 11 de Março de 1754., Rezervando os Sítios // [fl. 138] os Sítios dos vezinhos com quem partirem as Re/feridas terras desta Sesmaria suas vertentes e / Logradouros, sem que elles com este pretexto se / queirão apropriar de demaziadas em prejuizo / desta merce que faço aos Supplicantes para refe/rida Capella, as quaes não impedirão a Repartição / dos descobrimentos de terras mineraes que no tal / Sítio haja e nem os caminhos, e Serventias publi/cas, que nelle houver, e pelo tempo adiante parressa / conveniente abrir para melhor utilidade do bem / comum, possuir os Aplicados da Capella / para a mesma as ditas trez Legoas ou meya de terras / com condição de nellas não succederem Religio/en's por titulo algum, e acontecendo possuilllas / Será com o encargo de pagarem della Dizimos / como quaesquer Seculares, e Serão outrosim o/brigados a mandar requerer a Sua Magestade pelo seu / Concelho Ultramarino confirmação desta / carta de Sesmaria dentro em quatro annos / que correrão da data desta em diante, a qual / lhes concedo Salvo prejuizo-digo Salvo Direito / Regio, e prejuizo de terceiro , e faltando ao refe/rido não terão vigor, e se julgarão por devolutas as ditas trez legoas ou meya de terra dan/dosse a quem as denunciar tudo na forma das / ordens do dito Senhor. Pelo que mando ao Me/nistro a que tocar de posse aos Supplicantes das referidas / trez legoas de terras ou de meya sendo dentre dos / Registros e não sendo as ditas terras com parte, ou / todo dellas em arias prohibidas por prejudiciaes / aos Reaes intereces por que em tal caso se lhe não / dará a dita posse, nem terá effeito esta concessão / feita primeiro a demarcação e notificação como / nesta ordeno de que se fará tudo no Livro / a que pertencer, e acento nas costas desta para a / a todo tempo constar o referido. E por fir/meza de tudo lhe mandei passar a presente por / duas vias por mim assignada e Sellada com // [fl. 138v] com o Sinete de minhas armas, que se cumprira / inteiramente como nella se contem Registran/dosse nos Livros da Secretaria deste Governo, e onde / Mais tocar. Dada em Vila Rica de Nossa Senhora do / Pilar do Ouro Preto a doze de Setembro. Anno / do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de / 1765 = O Secretario do Governo Joze Luiz Sayão / a fez escrever = Luiz Diogo Lobo da Sylva=

## "O GIRO DO LOBO"

Viagem do Governador LUIS DIOGO LOBO DA SILVA no itinerário da PICADA DE GOIÁS (1764) – Sua travessia por nossa região – O Poeta CLAUDIO MANUEL DA COSTA, um dos membros da comitiva

"A vastidão desses campos  
A alta muralha das serras  
As lavras inchadas de ouro  
Os diamantes entre as pedras  
Negros, índios e mulatos  
Almocafres e gamelas  
Os rios todos virados  
Toda revirada a terra  
Capitães, governadores,  
Padres, intendentos, poetas  
Carros, liteiras douradas,  
Cavalos de crina aberta  
A água a transbordar das fontes  
Altars cheios de velas  
Cavalhadas. Luminárias.  
Sinos. Procissões. Promessas.  
Anjos e santos nascendo  
Em mãos de gangrena e lepra  
Finas músicas broslando  
As alfaias das capelas  
Todos os sonhos barrocos  
Deslizando pelas pedras  
Pátios de seixos. Escadas.  
Boticas. Pontes. Conversas  
Gente que chega e que passa  
E as ideias"

(Cecilia Meirelles – Romanceiro da Inconfidência)

Dados biográficos e administrativos - O Capitão General D. Luís Diogo Lobo da Silva nasceu em Montemor, Portugal, em 1717, desconhecendo-se a data e o local de sua morte. Conceituado administrador colonial português no Brasil, foi inicialmente governador da Capitania de Pernambuco de 1756 a 1763 e depois da Capitania de Minas Gerais, de 28/12/1763 (quando tomou posse) até 1768, sendo D. José I, rei de Portugal à época.

Segundo historiadores, dentre eles Waldemar de Almeida Barbosa, D. Luís Diogo "era homem parece cheio de bondade e vontade de acertar. Foi muito benquisto pelo povo. Tratou com especial cuidado da civilização dos índios, procurando atrai-los ao caminho da civilização" ("História de Minas", 3º vol, Ed. Comunicação, 1979, p. 609)<sup>(1)</sup>. De espírito pombalino, empenhou-se, quando governador de Pernambuco e Minas, na política dos aldeamentos indígenas. Aparelhou as tropas da capitania de Minas do material necessário: peças, morteiros, barracas. Instalou esquadras, companhias de ordenanças, de cavalaria auxiliar e infantaria pelo vasto território da capitania, com a inclusão de pardos e pretos livres. Buscou ainda aparelhar o serviço do fisco, guarnecer as fronteiras e cerca-las com registros e vigias nos pontos que facilitassem as saídas do ouro, além de estimular as descobertas minerais feitas e as que pudessem ainda se fazer. Homem experiente, prudente, desapegado, zelosíssimo pela administração pública e pela arrecadação da real fazenda, além de caridoso e filantropo. Dispensou especial atenção à Santa Casa de Misericórdia de Vila Rica, melhorando-lhe as instalações, ele mesmo – em trajes de opa, segundo historiadores - realizando campanhas pessoais de arrecadação de fundos para a sua manutenção. Tinha o hábito de acompanhar os enterros, em especial de pessoas pobres, ajudando a carregar os caixões.

Quando governador da Capitania de Minas Gerais, reeditou e fez aplicar a legislação pombalina de 1755, então burlada, de várias formas, por colonos e autoridades, que reconhecia a liberdade dos índios, restituin-

do-lhes o uso e gozo de seus bens, além da concessão pelas autoridades de gêneros, ferramentas e vestuário. Tal elogiável atitude beneficiária igualmente mestiços, então sujeitos às mesmas leis que regiam as populações urbanas (BNRJ SM Cód.5.2.2.) Envolvido no projeto colonial de povoamento da região das Minas, em especial os territórios e sertões do oeste, o governador Luís Lobo concedeu, entre 1764 e 1768, 362 títulos de sesmarias.

O 'GIRO DO LOBO' - Dadas as inúmeras disputas territoriais com a Capitania de São Paulo, o governador Luís Diogo Lobo da Silva promoveu em 1764 uma viagem de reconhecimento de partes do território de Minas, que ficaria conhecida como o "Giro do Lobo" ou "Giro de Luis Diogo"<sup>(2)</sup>, oficialmente com objetivos de (r)estabelecer os limites entre as duas Capitanias, bem como diminuir o contrabando de ouro e diamantes pela falta de guardas e registros. Um roteiro considerável, em torno de 400 léguas ou 2.640 km<sup>(3)</sup>. Uma forma do governo, de corpo e alma, se enraizar pelo sertão, chegando a lugares mais distantes e isolados, não só através dos despachos, papéis e determinações, mas da presença do administrador com todas suas insígnias e simbologia materializada.

Outra atribuição tomada pelo Gov. Luis Diogo Lobo foi trocar o ouro em pó que corria naquelas regiões (e era desviado, geralmente para o território do Desemboque) por barras quintadas, bem como medidas de patrulhamento cotidiano, de detenção, inquérito, tributação e controle sobre o ouro, com a emissão de guias para a remessa do metal às casas de fundição em São João Del-Rei. Moveu um combate sem tréguas a extraviadores do ouro, malfetores, criminosos e perturbadores do bem público (APM SC Cód. 118, fl. 69). Colocou, ademais, limites aos poderosos locais<sup>(4)</sup> que mandavam e desmandavam acintosamente em zonas tão turbulentas como as divisas entre as Capitanias entre Minas, São Paulo e Goiás – tida então como "terra de ninguém", conforme escreveu Sérgio Alcides (obra "Estes penhascos: Claudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas 1733-1773" Ed. Hucitec, 2003). A posse do Jacuí, segundo historiadores, seria o ato mais importante da viagem de Luis Diogo Lobo da Silva em 1764<sup>(5)</sup>.

A comentada viagem aos sertões empreendida pelo Governador em 1764 teria o seguinte e longo roteiro. A comitiva saiu de Vila Rica em 13/08/1764 em direção a São João Del-Rei, passando por várias localidades ou arraiais, dentre eles Lagoa Dourada (25/08), Prados (27/08), São José, hoje Tiradentes (29/08) e finalmente São João Del-Rei (31/08). Dali partindo no dia 05/09/1764 rumo ao oeste e depois sudoeste, palmilhando o itinerário da "Picada de Goiás", passando pela "Boa Vista", hoje Conceição da Barra (05/09)<sup>(6)</sup> daí em data de 06/09 ao "sítio de Domingos da Costa" (Fazenda "Capão Grosso", a 5 km do arraial de São Tiago)<sup>(7)</sup> atravessando e atingindo áreas do denominado "Campo Grande", palco em ruínas de várias expedições oficiais contra quilombolas. Em sua marcha, a comitiva chegou a Oliveira (07/09), à cachoeira do Gondim (09/09), Tamanduá, hoje Itapeçerica (10/09), "sítio do Antonio José" – Fazenda do Quilombo, Formiga (12/09), Pium-i (14/09) adentrando e cingindo os sertões. (Verbete 6796 do IMAR-MG, Cx. 85, Doc. 34, rolo 75, pp. 121 a 125).

Segundo Diogo de Vasconcelos<sup>(8)</sup>, a comitiva percorreu 356 léguas ao longo de 3 meses e 18 dias, com todas as despesas às expensas do governador Luiz Diogo, não arcando a Fazenda Real com nenhuma modalidade de gastos. Além de remarcar os limites com São Paulo, o governador decidiu enfrentar outros problemas, contratando Ignácio Correia Pamplona para liderar (mais) uma expedição com objetivos de procurar ouro, destruir quilombos e agrupamentos de índios rebeldes, e restabelecer os limites entre Goiás e Minas Gerais, área rica em ouro e cenário de conflitos administrativo-territoriais entre autoridades das duas capitanias<sup>(9)</sup>.

Saindo de São João Del-Rei – como vimos no parágrafo anterior - a comitiva seguiu pela conhecida "Picada de Goiás", passando por Conceição da Barra (05/09), São Tiago (06/09), Oliveira (07/09) Tamanduá (Itapeçerica – 10/09), Formiga, Pium-i (14/09), entremeio a vários rios que engrossam a margem direita do Rio Grande, cortando montanhas e matas fechadas; dali cruzando o rio Grande e o sertão de Jacuí até São Pedro das Almas, onde Luiz Lobo concentrou/centralizou as atividades do governo; rumando a seguir ao sul, atingindo o Rio Pardo, acompanhando a fralda da Mantiqueira até Ouro Fino; dali ao vale do Sapucaí, quando as chuvas começaram a engrossar; alcançaram o vale do Baependi, a seguir as trilhas do Caminho Velho para as Minas. Pararam no Registro do Capivari, dali subindo/acompanhando a Mantiqueira na Garganta do Embaú, chegando a Itajubá em 07/11. Dia 25/11 chegaram a São João Del-Rei, retornando a Vila Rica em 03/12. Luis Diogo era, por conseguinte, um gestor sumamente envolvido com a presença e prevalência do Estado, permeadas de boa gestão administrativa. "Em cada paragem da expedição, o Governador Luis Diogo nomeava funcionários burocráticos e militares entre guarda mores, escrivães, tabeliães, sargentos e tenentes" (Diogo de Vasconcelos, "História Média das Minas Gerais", B. Horizonte, Itatiaia, 1974, pp. 191/198).

A comitiva de 1764 contou, entre seus membros acompanhantes, o poeta Claudio Manuel da Costa, na condição de secretário de governo, cuja viagem – por ele classificada como "viagem dilatada e aspérrima"<sup>(10)</sup> – lhe inspiraria vários poemas e sonetos registrados em seu livro "Obras" e em seu poema épico "Vila Rica"<sup>(11)</sup>. Outros ilustres acompanhantes da viagem foram: um escrivão, o ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, Manuel Caetano Monteiro Guedes e o provedor da Fazenda Real José Gomes de Araújo<sup>(12)</sup>. Coube a Cláudio Manuel da Costa lavar, em 26/11, em São João Del-Rei, o termo de diligência, onde constava todo o histórico da viagem (reprodução de originais e respectiva transcrição nos boxes/páginas à parte).

## NOTAS

(1) "...veio exercê-lo (o Governo de Minas) um dos melhores homens que tivemos, cuja reputação de justo e moderado perdurou no apelido de pai dos pobres que lhe deram. Foi este o General Luis Diogo Lobo da Silva, transferido de Pernambuco, onde esteve governando desde 12 de fevereiro de 1755 até 9 de setembro de 1763. Chegando a Vila Rica, tomou posse no dia 28 de dezembro deste ano. Pelo exame que fez da situação do País, reconheceu imediatamente, com pesar, quão se achava o povo oprimido de tributos, sem que pudesse, ele governador, fazer coisa alguma no sentido de aliviá-lo diretamente. Entendeu, contudo, que em suas mãos estava corrigir os lançamentos e ampliá-los de modo a se repartir, por maior que fosse possível, o peso das cem arrobas" (Diogo de Vasconcelos – "História Média de Minas Gerais", B. Horizonte, Itatiaia, 1974, p. 191"

"...um governador que espalhou fama de moderado e ficou conhecido como o "pai dos pobres", tendo investido na Santa Casa de Misericórdia de Vila Rica e na redução dos índios do rio Pomba e do Cuieté" (Sérgio Alcides – "Estes penhascos: Claudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas 1753-1773" S.Paulo, Ed. Hucitec, 2003, p. 240).

"...passando logo a estas Minas e tratando de dispor a entrada daqueles sertões com picadas e roças, sucedeu falecer o Conde de Bobadella e passando o governo desta Capitania para o Capitão General Luis Diogo Lobo da Silva se assustou este com os clamores e queixas dos povos, com os insultos dos escravos e invasões do gentio nas fazendas próximas ao Campo Grande e São Francisco..." (PR-AHU 12.603 Cx.677, doc.47).

"O governador Luis Diogo Lobo da Silva partiu em viagem em 1764 com intuito de realizar o reconhecimento do interior da Capitania de Minas e seus limites com São Paulo. Luis Diogo Lobo da Silva e comitiva foram para São João Del-Rei no dia 5 de setembro de 1764 em direção ao oeste. O itinerário teve aproximadamente 365 léguas, durando pouco mais de três meses e permitiu verificar os limites com São Paulo e os problemas existentes (Arquivo Ultramarino Cx. 85, doc. 34, cd 24) Com isso, Luis Diogo Lobo tomou a decisão de chamar Inácio Correia Pamplona para liderar uma expedição mais contida à procura de ouro, para destruir quilombolas e índios bravios. Passou-lhe a missão de por fim às demandas dos limites entre Goiás e Minas Gerais, áreas ricas em ouro" (Núbia Braga Ribeiro – "Os povos indígenas e os sertões das Minas do Ouro no século XVIII" S. Paulo, USP, 2008, pp. 137/138)

(2) Na voz da ninfa Eulina, que profetizava para o apaixonado Garcia, assim o poeta Claudio Manuel da Costa rememora o "Giro de Luis Lobo":

"Vês ora o grande Lobo: este caminha / seguindo a Serra, que lá tem vizinha / de Paulo a capital: impede os passos / que abre o extravio; pronto aos ameaços / da guerra acode, a terra fortalece / de militares tropas e a garante / de bélicos petrechos; já fundido / sai da fornalha o bronze e convertido / em raios de Vulcano atoa os montes" ("Vila Rica", Canto IX, p. 434).

(3) Léguas mencionada no Relatório de Viagem era a "de sesmaria", que correspondia a 3.000 braças ou 6.600 metros (6,6 km), medida colonial então vigente.

(4) "...a colonização é entendida como obra do Estado que soube, por sua vez, reagir a qualquer arbítrio individual. Por meio de leis, o Estado subordinava as pessoas e o governo dirigia as ações de tal forma que, no território americano, uma elite não poderia emergir alheia às leis mercantis e aos critérios sociais ordenadores, ambos controlados pelo Reino. A formação da elite colonial obedeceu assim a leis que foram criadas em outro contexto para satisfazer os desejos do Rei, sem contemplar as especificidades de suas conquistas" (Roberta Giannubilo Stumpf – "Os critérios hierárquicos na sociedade colonial" Revista Múltipla, vol. 20, p. 66, 2006).

(5) A população era socialmente indistinta, sem controles efetivos, porquanto atuando na mineração e atividades correlatas, com predominância do nomadismo. A vasta extensão territorial, o afastamento das

autoridades coloniais facilitavam, por outro lado, a ampliação do poder privado e de mando – na verdade desmandos – provocados por potentados ou ainda por bandos de malfeitores.

“A necessidade de se utilizar dos potentados para levar a autoridade à periferia, o excesso de poder de funcionários, a falta de uma hierarquia clara, o caráter pessoal do mando, tudo contribuía para, uma vez distante do centro, aumentar a confusão entre a esfera pública e a privada e imprimir a sensação de desgoverno” (Junia Ferreira Furtado – “Homens de negócio: a interiorização da Metrópole e do comércio nas Minas setecentistas” S. Paulo, Ed. Hucitec, 2006, p. 196)

(6) Distrito ou Bairro da Boa Vista – hoje Conceição da Barra de Minas. A denominação “Boa Vista”, segundo o professor Antônio Gaio Sobrinho, aparece documentalmente em cartas de sesmaria, paralela ao de “Capela Conceição” ou freguesia de “Nossa Senhora da Conceição da Barra”. “Foi, portanto, a bandeira das Esmeraldas de 1764, o fator inicial do assentamento de povoações em Minas Gerais. E quanto ao povoado da Boa Vista, que será depois arraial, vila e cidade de Conceição da Barra é possível acreditar que tem suas origens ligadas aos transeuntes do Caminho Velho, que por ali passava” “O povoado da Boa Vista, na década de 1720, já alcançava significativa importância e desenvolvimento, por estar na rota de quem subia de São Paulo” (Antonio Gaio Sobrinho – “Memórias de Conceição da Barra de Minas” S. João Del-Rei, 1990, pp. 21/26).

(7) “31.08.1764 – Neste dia (vindo de São José/Tiradentes) se marchou para a Vila de S. João Del-Rei e principiou a passar mostra à infantaria de ordenança e cavalaria auxiliar, pardos e pretos libertos da dita vila e sua vizinhança, em que se gastou até o dia 4 de setembro – 2 léguas

05.09.1764 – Neste dia se marchou para a Boa Vista, donde se passou mostra à infantaria de ordenança do distrito e sua vizinhança – 5 léguas

06.09.1764 – Neste dia se marchou para o sítio de Domingos da Costa (Capela de São Tiago) e se passou mostra à infantaria de ordenança, pardos e pretos libertos – 3 léguas

07.09.1764 – Neste dia se marchou para a Vila de N. Senhora de Oliveira, neste e no seguinte, dia 8, se passou mostra à infantaria de ordenança do distrito: e se formaram esquadras de cavalaria, pardos e pretos libertos – 7 léguas” (Verbete n. 6796 do IMAR-MG, Cx. 85, Doc. 34, AHU, Rolo 75, p. 125).

(8) In “História Média de Minas Gerais”, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1975, pp. 192/193.

(9) Por força de manobras de governadores da Capitania das Minas, dentre eles Gomes Freire de Andrade, o atual sudoeste mineiro fora abocanhado da província de São Paulo em 1748 e o atual Triângulo Mineiro, por decreto de D. João VI, de 4 de abril de 1816, seria (re)incorporado a Minas Gerais.

Para as autoridades coloniais mineiras, a região de divisas com Goiás eram dominadas por quilombolas, coutos de assíduas hostilidades, com mortes, roubos, extravio de ouro em pó e diamantes, portanto esconderijos e local de sobrevivência e sedição de quilombolas e indígenas bárbaros, uma ameaça ao projeto de colonização e expansão da capitania. Dai o envio de inúmeras expedições militares, como as de Bartolomeu Bueno do Prado, Diogo Bueno da Fonseca, Ignácio Correia Pamplona, promovidas pelos governantes mineiros de então aos citados “sertões”. Não só expedições militares eram terceirizadas, como também em parte a arrecadação de tributos, delegadas a “contratadores”. Sem falarmos nas capturas de escravos fugidos, atribuições conferidas pela Coroa a terceiros, os chamados “capitães do mato”.

(10) Poema “Vila Rica”, nota 67. Neste poema “Vila Rica”, o autor Cláudio Manuel da Costa enaltece a empresa colonizadora em que sobressaem os heróis paulistas que “entraram estes sertões, só pisados das feras e do bárbaro gentio” e ainda a máquina administrativa colonial que devassou o território indócil, fundou vilas, impondo a ordem. Relata/retrata o choque entre o “locus amoenus” e o “locus horridus”, o sublime e o tosco, a civilização e bárbarie, a paisagem plácida dos pastores arcádicos e natureza bruta, inesperada, realidades conflitantes que geram perplexidade: tema(s) que parecem obcecar sua obra. Daí o refúgio no melancólico, no imperscrutável. “O peregrino pelo mundo inculto”, assim definiu-o a pesquisadora Marcela Verônica da Silva ao abordar suas viagens físicas e metafóricas. A terra, “eterna primavera” e o homem mineiro adquirem dignidade, com um quê nativista, de orgulho local, o que alguns críticos literários como José Aderaldo Castello e Hélio Lopes anteveem uma analogia pré-romântica, quicá indianista.

O poeta faz inúmeras referências, em sua obra, ao giro realizado pela Comitiva de Luis Lobo: “Os caminhos do engano só trilhados / por vós pisados são, por vós se cortam / servem ao vosso zelo, ao vosso exame / o fundo rio, a serra mais medonha”

“Nada vos horroriza, nada embarga / a ilustre diligência, bem como aborta / fúrias o inverno, cóleras o tempo / rotos os céus em tempestades grossas”.

Críticos literários como Hélio Lopes chamam a atenção para a recorrência com que o termo “giro” (“girar”) aparecem na obra de Cláudio Manuel da Costa. Todos os elementos da natureza, serras, rios, espaços, em especial o canto VI do poema “Vila Rica”, publicado em 1773, “giram”, daí o conceito de “labiríntico” (pelo crítico literário Hélio Lopes), face as imagens e formas de construção das narrativas que, de súbito, fogem à

convenção ou se interrompem.

(11) Sugerimos, a esse respeito, a leitura da obra “Cláudio Manuel da Costa”, autoria de Laura de Mello e Souza, Cia das Letras, 2011).

Ainda um comentário avulso sobre nossa dura história e o poema “Vila Rica”: o sertanista Salvador Fernandes Furtado encontrando doze oitavas de ouro em Itaverava, trocou-as por duas índias (Aurora e Célia), dentre as muitas pertencentes ao também sertanista Miguel Garcia, fato que demonstra o nível de degradação e escravização imposto aos índios nas diligências e incursões pelo sertão. A índia Aurora é personagem principal do Canto Segundo do poema “Vila Rica” de Cláudio Manuel da Costa, publicado em 1897. (Apud Diogo de Vasconcellos, “História Antiga das Minas Gerais”, B. Horizonte, Imprensa Oficial, vol. I, 1904, pp. 91 a 96).

(12) José Gomes de Araújo, a quem Cláudio Manuel da Costa denomina “sábio e reto ministro”, foi intitulado – dentro da terminologia arcádica de então – pelo criptônimo (pseudônimo pastoril) de “Arúncio” e igualmente louvado e enaltecido pelo poeta arcádico em seu poema narrativo “Romance”. Arúncio que já pisara “das Minas as montanhas toscas”, “sem temer as distâncias e os perigos” e que seguira até os matos de Paracatu “por ásperos sertões, empresa heroica”. Pelo que se deduz, Arúncio (José Gomes de Araújo), que era alto funcionário colonial (desembargador e provedor real) dadas as suas experiências anteriores em roteiros pelo território de Minas, deve ter sido companheiro e bom conselheiro na viagem de 1764, que contava obviamente com guias e experientes homens mateiros e corpo de militares.

A égloga V, “Arúncio”, é, assim, uma homenagem póstuma ao (seu) grande amigo e desembargador José Gomes de Araújo que morrera “nos sertões do Rio das Velhas”, em 1767. Nela, Alcino (Cláudio Manuel da Costa) aparece dialogando com outro pastor, Frondoso, ambos lamentando a morte do amigo: “Roubou-nos um pastor que era o primeiro / Entre os nossos do monte, ele nos dava / as justas leis no campo e no terreiro / ele as dúvidas nossas concertava / E sendo maior, por arte nova / com respeito o agrado temperava / de mil virtudes suas nos deu prova / sempre a bem dirigindo os nossos passos / Oh, quanto esta lembrança a dor renova”.

A morte do amigo José Gomes da Silva (o primeiro pastor do monte, que dava as “justas leis no campo e no terreiro”) em Congonhas do Sabará abalaria fortemente o poeta. Na égloga V mencionada, o pastor (Cláudio Manuel da Costa) confessa ser mais fácil o trigo nascer no céu e as estrelas brotarem da terra do que esquecer o amigo morto.



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

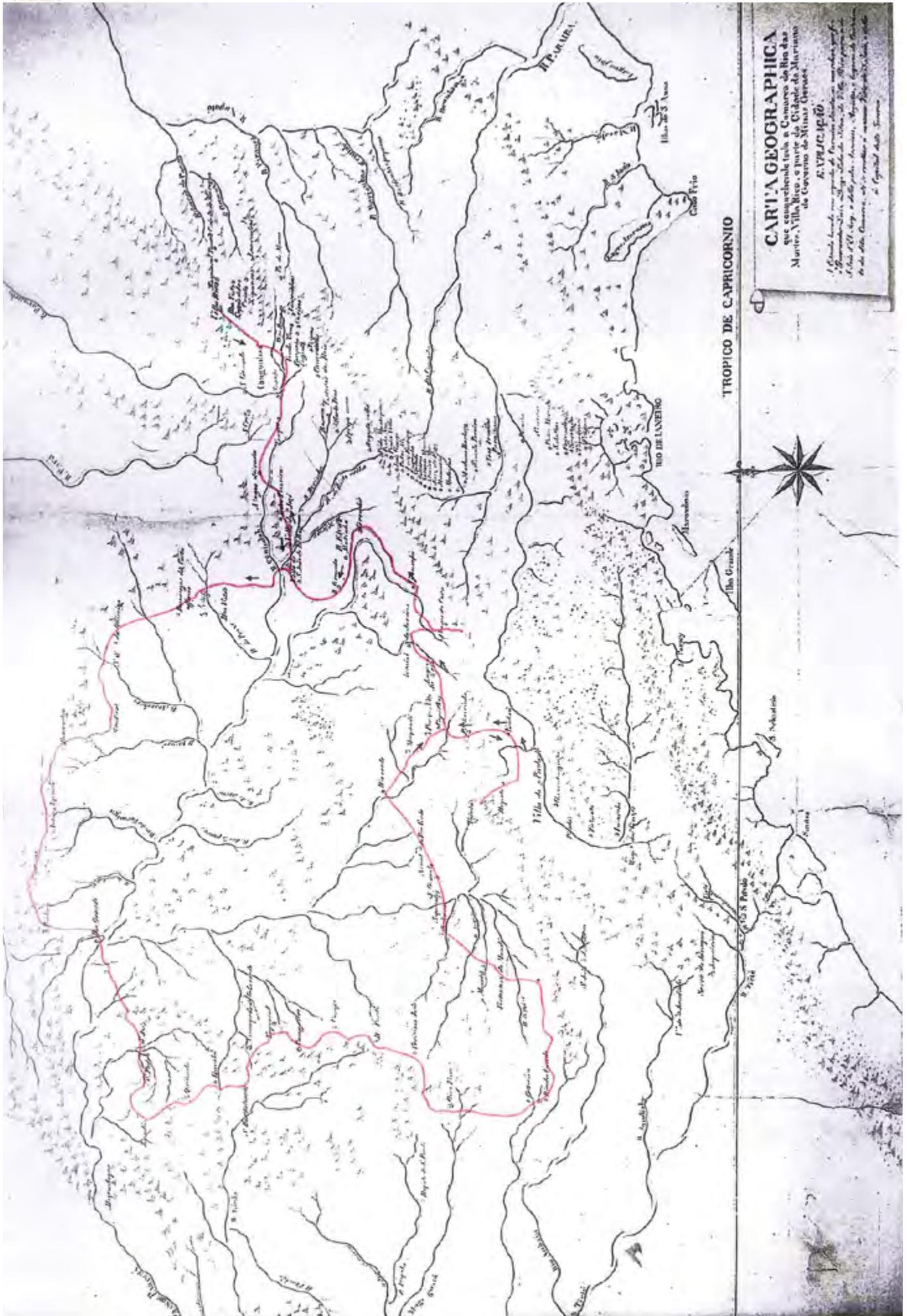
MINAS GERAIS

1765

MAREO-6

num: 85 doc: 34  
 emissão: ano: 1765 mês: 3 dia: 6 local: Vila Rica código: 7091  
 Carta de Luis Diogo Lobo da Silva, governador das Minas, para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, enviando relatórios e mapas das marchas que se seguiram na diligência da mostra geral, iniciada em agosto de 1764 e terminada em dezembro do dito ano.  
 Em anexo: varios documentos





**CARTA GEOGRAPHICA**  
 que comprehende toda a Camareira do Rio das  
 Mortes, Villa Rica, e parte da Cidade de Mariana  
 do Governo de Minas Geraes.

A. VELLOSO

*1782*



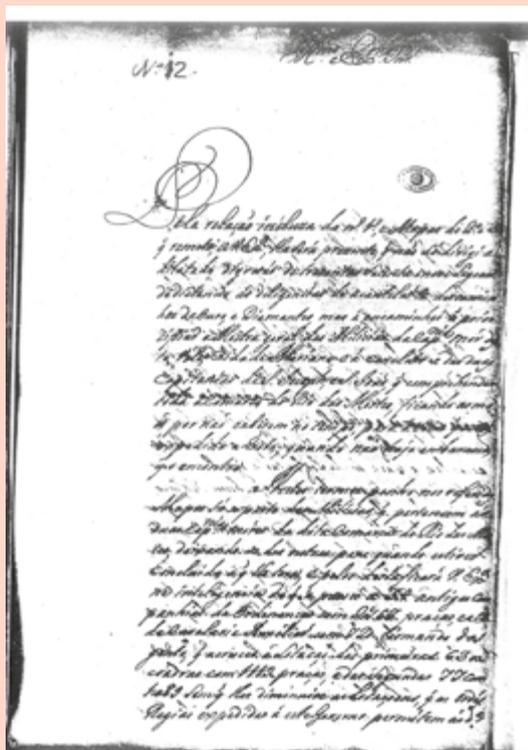
Numero	Dias	Horas	Nome da Planta	Uso
			Vimbalanda 2000	326%
22	61		Nome da amarçosa q' apone do Coracao... (transcription of botanical text)	2
20	62		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	5
20	60		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	7
27	60		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	7
23	65		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	6
20	66		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	0
6	67		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	2
20	68		Nome da amarçosa q' se cria da Casca... (transcription of botanical text)	0
			se torna as legoas.	373%

Mapa das antigas Com' de Cavalaria auxiliares, e Reformas de Ordenanças de Armadas do mesmo Corpo Real, e seus Libros, e de alguns q' foram de Com' reformados na Guerra geral de 15 de Agosto de 1762, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1763, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1764, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1765, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1766, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1767, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1768, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1769, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1770.

| Com' de Cavalaria         |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Com' de Cavalaria de 1762 | Com' de Cavalaria de 1763 | Com' de Cavalaria de 1764 | Com' de Cavalaria de 1765 | Com' de Cavalaria de 1766 | Com' de Cavalaria de 1767 | Com' de Cavalaria de 1768 | Com' de Cavalaria de 1769 | Com' de Cavalaria de 1770 | Com' de Cavalaria de 1771 |
| 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        |
| Com' de Cavalaria de 1762 | Com' de Cavalaria de 1763 | Com' de Cavalaria de 1764 | Com' de Cavalaria de 1765 | Com' de Cavalaria de 1766 | Com' de Cavalaria de 1767 | Com' de Cavalaria de 1768 | Com' de Cavalaria de 1769 | Com' de Cavalaria de 1770 | Com' de Cavalaria de 1771 |
| 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        | 20                        |

Mapa das antigas Com' de Cavalaria auxiliares, e Reformas de Ordenanças de Armadas do mesmo Corpo Real, e seus Libros, e de alguns q' foram de Com' reformados na Guerra geral de 15 de Agosto de 1762, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1763, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1764, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1765, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1766, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1767, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1768, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1769, e de alguns q' foram de Com' reformados em 1770.

| Com' de Cavalaria         |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Com' de Cavalaria de 1762 | Com' de Cavalaria de 1763 | Com' de Cavalaria de 1764 | Com' de Cavalaria de 1765 | Com' de Cavalaria de 1766 | Com' de Cavalaria de 1767 | Com' de Cavalaria de 1768 | Com' de Cavalaria de 1769 | Com' de Cavalaria de 1770 | Com' de Cavalaria de 1771 |
| 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        |
| Com' de Cavalaria de 1762 | Com' de Cavalaria de 1763 | Com' de Cavalaria de 1764 | Com' de Cavalaria de 1765 | Com' de Cavalaria de 1766 | Com' de Cavalaria de 1767 | Com' de Cavalaria de 1768 | Com' de Cavalaria de 1769 | Com' de Cavalaria de 1770 | Com' de Cavalaria de 1771 |
| 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        | 22                        |



## CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Claudio Manuel da Costa nasceu no distrito da Vargem, em Ribeirão do Carmo (Mariana) aos 05/06/1729, filho do minerador português João Gonçalves da Costa e da paulista Teresa Ribeiro de Alvarenga. Na época o rei de Portugal era D. João V e o governador da Capitania de Minas era D. Lourenço de Almeida. De família rica, Claudio Manuel estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro e formou-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1753. Em Portugal, viu-se envolvido pelas ideias de renovação político-cultural empreendidas pelo Marquês de Pombal e Verney. Regressou ao Brasil em 1754, passando a exercer em Vila Rica as atividades de advogado e fazendeiro. Entre 1762 e 1765, exerceu o cargo de secretário de governo da Capitania.

Iniciou sua carreira literária em 1768, quando publicou “Obras Poéticas”, livro que marca o início do Arcadismo no Brasil. Cultivou a poesia épica e lírica. Nesta, seus temas envolvem a desilusão amorosa; na épica, sua poesia é inspirada na descoberta das minas, na saga dos bandeirantes e desbravadores e nas revoltas locais.

Dele disseram Antonio Cândido e José Aderaldo Castello: “A sua obra se fez, em parte, como regresso aos quinhentistas, em parte como compromisso entre Barroco e Arcadismo. Resultou uma poesia rica, sem ostentação, elegante, sem banalidade, que, nos momentos realizados, alcança o melhor nível. Graças a ela, pôde criar um mundo poético em que se sublimam o culto dos modelos clássicos, uma requintada sonoridade, o senso dos conflitos da alma, uma consciência nítida dos problemas do seu tempo e das cogitações perenes do homem” (“Presença da Literatura Brasileira” vol. 1, S. Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1973, p. 137).

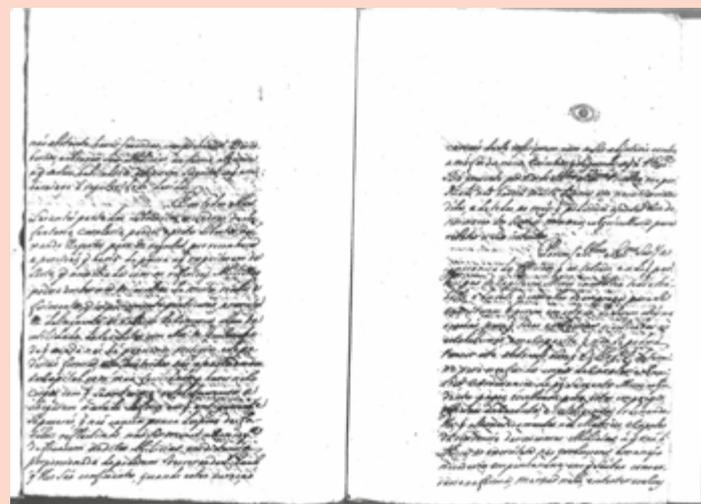
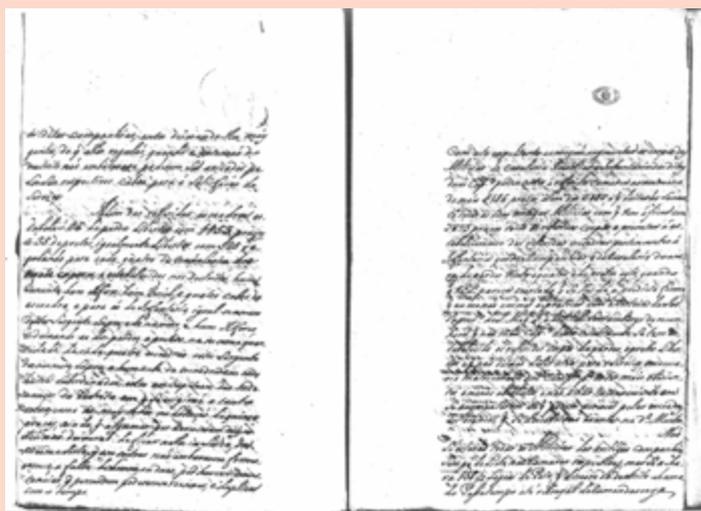
De estilo arcádico, neoclássico, a que se mesclam laivos de barroco, segundo estudiosos. Seu livro “Obras Poéticas”, publicado em 1768, é considerado como sua principal produção.

Claudio Manuel da Costa era ainda um exímio cartógrafo, registrando a geografia e os caminhos mineiros em mapa por ele elaborados entre 1755 e 1766, encomendados pela Câmara de Vila Rica. Participou da Inconfidência Mineira, movimento que buscava um governo independente de Portugal, sendo preso juntamente com outros conspiradores como Tomás Antonio Gonzaga, Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Inácio José de Alvarenga Peixoto etc. Levado para a prisão no dia 25/05/1789 é encontrado morto no dia 04/07 do mesmo ano.

Produção literária: “Minúsculo métrico” (1751) / “Epicédio” (poesia – 1753) / “Labirinto do Amor” (1753) / “Obras Poéticas” (1768) / “Vila Rica” (1839)

O biógrafo Sérgio Alcides fala de Claudio Manuel da Costa - “Entre 20 de agosto e 3 de dezembro de 1764, no emprego de secretário de governo (Claudio Manuel da Costa) acompanhou o Governador Luis Diogo Lobo da Silva numa jornada aos confins da Comarca do Rio das Mortes, abrindo caminho pelo meio do sertão. O “Giro de Luis Diogo”, como o périplo passou a ser chamado, tinha como principal objetivo tomar posse para a Capitania das Minas de novos descobertos de ouro na Serra da Mantiqueira em área disputada pela Capitania de São Paulo (...) Em três meses e meio de marchas, eles cobriram cerca de quatrocentas léguas, distribuindo a ordem colonial pelo caminho através de medidas de caráter administrativo, tributário e militar” (Sérgio Alcides – “Estes penhascos: Claudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas – 1753-1773”, Ed. Hucitec, 2003, p. 239).

“...aos 35 anos, Claudio Manuel teve oportunidade de embrenhar-se visceralmente por uma extensão significativa do território mineiro e assim conhecer uma amostra de sua extraordinária variedade em topografia, hidrografia, vegetação e fauna” (op. cit. p. 240)



## BUSCA DE FONTES DE PESQUISAS

Incansável a luta e a pertinaz busca por fontes de pesquisas. A missão de levantar temas históricos e memorialísticos sobre São Tiago e a região e concomitantemente elaborar matérias para o boletim, nos conduzindo, por vezes, a exaustivos esforços por localizar acervos, fontes bibliográficas, algumas raras ou inalcançáveis para quem, amador, residente no interior, não tendo os instrumentos e técnicas precisas para se garimpar em terrenos tão exigentes.

Temas que exigem inaudita faina, hercúleas jornadas a bibliotecas, sebos, editoras, arquivos públicos, historiadores. E haja compras de livros!

### Dois temas, a título de exemplo, merecem nossos comentários:

I – Como localizar/seguir o “giro” do governador Luis Diogo Lobo da Silva por nossa região? As escassas referências bibliográficas, na verdade duas, pouco ou nada nos auxiliaram, gerando, na sua localização, apenas largo tempo disponibilizado e... custos!

As duas (possíveis) fontes que nos foram indicadas, uma delas o “Assento do governador de Minas Gerais sobre a posse do Jacuí” pp. 77 a 83 - In Publicação Oficial de documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo (DJ), Vol. XI, divisas de São Paulo e Minas Gerais” Tipografia Espindola, Siqueira & Cia, foi-nos possível extrair-la eletronicamente – um calhamaço de mais de 1.220 pp - com a ajuda de colaboradores de nosso boletim. Na verdade, de menor serventia, pois não continha o relatório do “giro”

A segunda fonte era o “Mapa – Imagens da formação territorial brasileira” Isa Adonias (Org.) ed. trilingue (português, inglês, espanhol), Fund. Odebrechet, 1993, aliás uma obra primorosa e valiosa. O mapa, p. 224, reproduz cartograficamente a Comarca do Rio das Mortes, Vila Rica e parte da cidade de Mariana, contendo o traçado da viagem empreendida por Luis Diogo Lobo da Silva, 4º governador e capitão geral da Capitania de Minas Gerais (1763-1768), no 1º ano de sua administração a fim de inteirar-se das necessidades e problemas locais. Nesta época, a Capitania voltara a ter governo próprio, deixando de ser tutelada por governadores do Rio de Janeiro.

Foi somente com a ajuda providencial do emérito historiador prof. Tarcísio Martins que nos liberou o teor/relatório do “Giro”, além de mapas históricos. Com isso, um tema a mais a valorizar e enriquecer a história regional.

Uma curiosidade: Como o autor do relatório da viagem fora o poeta Cláudio Manuel da Costa, vimo-nos forçados a adquirir inúmeras obras do/sobre o renomado autor, tornando-nos modestos “peritos” em sua vida e obra.

II. As dificuldades igualmente para se localizar a passagem ou itinerário do Barão Eschwege por nossa região (Caminho de Goiás) ou seja em qual (is) de suas obras o famoso viajante alemão abordara tal roteiro. Fontes mencionadas por outros autores (ex. o livro Pluto Brasiliensis) eram insuficientes, senão pistas erradas. Após esforços ingentes, conseguimos localizar na obra “Brasil, mundo novo” vol. I. Assunto que trataremos em um dos números posteriores do boletim.

### O ‘GIRO’ DO GOVERNADOR LUIS DIOGO LOBO E Nossos ANTEPASSADOS

O historiador Vinicius Mata, com sua aguda visão de pesquisador, identificou inúmeros antepassados e parentes nossos na lista de “capitães do governo das tropas” consignados pelo governador Luis Diogo Lobo da Silva à época de sua famosa viagem pela região (1764):

I – Em Ibitipoca, o capitão Manuel Rodrigues da Costa, irmão de João Rodrigues da Costa, bisavô de Antonio Carlos de Oliveira e Ignácia Cassiana da Cunha (nossos bisavós – Sobre o Cel. Antonio Carlos de Oliveira (1840-1910) ver matérias em nossos boletins nº XLIV - maio/2011, XLVIII - set/2011 e XLIX - out/2011.

Ainda sobre o Capitão Manuel Rodrigues da Costa, o historiador Vinicius Mata localizou no Arquivo Ultramarino as seguintes informações:

• Em 07/07/1759, requerimento de Manuel Rodrigues da Costa, capitão da Companhia de Ordenança de cavalos da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca, pedindo ao Rei que ordene ao governador de Minas Gerais que informe sobre sua pretensão de se ver confirmado no referido posto.

• Em 29/07/1761, requerimento de Manuel Rodrigues da Costa, capitão da Ordenança de Cavalaria da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca, cortando o Ribeirão Grande, solicitando sua confirmação no exercício do referido posto

• Em 26/08/1765, carta de Luis Diogo Lobo da Silva, governador das Minas, para D. José I, propondo Manuel Rodrigues da Costa para

o posto de capitão da Cavalaria dos Dragões Auxiliares do distrito de Nossa Senhora da Conceição de Ibitipoca, Regimento do Rio das Mortes. Documento assaz interessante, pois isso se dá após a passagem do Governador pela localidade e em que são feitas várias recomendações sobre Manuel Rodrigues da Costa:

“Certifico que Manuel Rodrigues da Costa, Capitão de Cavalos da Companhia do distrito de Ibitipoca, uma das do meu regimento, é pessoa de inteligência e capacidade, tratando-se com afeição (?) e limpeza e com abundância de bens, estabelecido no seu distrito com lavras e roça e fábrica avulta de escravos, que ocupa no exercício de minerar, sendo pronta na execução de todas as ordens que lhe são recomendadas do serviço de Sua Majestade que Deus guarde...”

• Em 09/09/1771, requerimento de Manuel Rodrigues da Costa, capitão de companhia do distrito da Igreja Nova da Borda do Campo do Regimento de Cavalaria de Dragões Auxiliares da Comarca do Rio das Mortes, solicitando ao Rei a mercê de o confirmar no exercício do referido posto.

II. Em 02/07/1749, requerimento de João Lopes de Siqueira, capitão de Companhia de Cavalaria do Rio das Mortes Pequeno, solicitando ao Rei a mercê de o confirmar no referido cargo.

O Capitão João Lopes de Siqueira era tetra-avô de José Pedro da Matta (Sobre José Pedro da Matta ver matéria em nosso boletim nº CIX - out/2016.

### AINDA O ‘GIRO’ DO GOVERNADOR LUIS DIOGO LOBO DA SILVA

“Entre 20 de agosto e 03 de dezembro de 1764, o governador Luis Diogo Lobo da Silva, com sua comitiva, empregou uma jornada aos confins da Comarca do Rio das Mortes, abrindo caminho para o meio do sertão. O “giro de Luis Diogo” (...) tinha como principal objetivo tomar posse para a Capitania das Minas de novos descobertos de ouro na Serra da Mantiqueira em área disputada pela Capitania de São Paulo. Lobo da Silva estava preocupado, como toda a administração do Reino, com o decréscimo da arrecadação aurífera e uma das providências que julgou acertada foi fiscalizar pessoalmente a fronteira entre São Paulo e Minas e resolver, de uma vez por todas, as divergências que pesavam sobre os limites...” (Maria Emília Aparecida de Assis – “Inácio Correia Pamplona – o ‘Hércules’ do sertão mineiro” S. João Del-Rei, UFSJ, 2014, p. 94).

“A viagem que Claudio Manuel qualificou como “dilatada e aspérrima” saiu de Vila Rica no final de agosto de 1764, a cavalo, provida de barracas, equipamentos de cozinha e ferramentas para abrir picadas (...) A comitiva se dirigiu para São João Del-Rei, onde o ouvidor da Comarca do Rio das Mortes se integrou a ela. A 05 de setembro, seguindo pela conhecida Picada de Goiás, começou a subir rumo ao centro da Capitania, passando por Nossa Senhora de Oliveira, Tamanduá, Formiga e pelos vários rios que engrossavam a margem direita do rio Grande, cortando montanhas e matos fechados em direção o oeste” (op. cit. p. 95).

“Em cada paragem da expedição, o governador nomeava funcionários burocráticos e militares, entre guarda mores, escrivães, tabeliães, sargentos e tenentes” (p. 97) “Integravam o grupo o provedor da Fazenda Real, José Gomes de Araújo, o ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, Manuel Caetano Monteiro Guedes, um escrivão e um corpo de soldados dos Dragões de Minas. Em três meses e meio de marcha, eles cobriram cerca de quatrocentas léguas, distribuindo a ordem colonial pelo caminho, através de medidas de caráter administrativo, tributário e militar” (p.94).

“Em 26 de novembro de 1764, ainda em São João Del-Rei, Claudio Manuel lavrou o assento que descreve as marchas e as providências do governador. No dia seguinte, a companhia partiu de volta a Vila Rica, pelo caminho da Igreja Nova (Barbacena). Somente a 03 de novembro, Luis Diogo, Claudio Manuel e José Gomes avistariam novamente a Serra do Itacolomi” (p.101)

# CAUSOS DO PADRE JOSÉ DUQUE

## A REVOLTA DOS MANGANESES

Dizem que, no início do século passado, foram descobertas minas de urânio nos arredores de Mercês de Água Limpa. Por isso, homens apelidados “manganeses” vieram de vários pontos do Brasil, talvez até do exterior, para explorar minérios e, principalmente, a matéria-prima necessária à fabricação de armas atômicas.

Nessa época, nossa comunidade era um povoado com pouco mais de sessenta casas. Em setembro, a população triplicava, pois muitas famílias vinham de longe para homenagear Nossa Senhora das Mercês. Chegavam fileiras de carros-de-bois carregados de doces, quitandas, jacás de ovos, latas de banha com carne; tulhas de arroz, feijão e fubá; canudos de bambu cheios de frangos; colchões de palha; cargueiros de lenha.

Era vinte e quatro de setembro de 1918, dia da festa da padroeira. Os manganeses, rudes operários pertencentes a culturas diversas, conversando em línguas enroladas, se misturaram ao povo, curiosos por conhecerem os costumes e as tradições agualimpenses. Compraram frango assado e cachaça num botequim e saíram pelas ruas comendo e bebendo. Encontraram com uma multidão precedida de lanternas acesas, acompanhando a procissão de Nossa Senhora, cantando e rezando em latim. O padre, respeitoso e, luxuosamente paramentado, ia atrás debaixo do pálio. Sinos repicavam alegremente; devotos soltavam bombas.

Os manganeses, maravilhados, se juntaram à multidão e participavam daquela alegria. Naturalmente não pararam de comer nem beber, agora comentando em alta voz a beleza e a magia daquele momento. Sentindo-se ofendido, o padre pediu-lhes que respeitassem Nossa Senhora e rezassem. Sem compreender e, talvez sem saber o que de fato acontecia, continuaram elogiando a festa. Fiéis horrorizados exigiram uma atitude do delegado que, imediatamente, prendeu um deles, o “Pernambuco”, no porão de sua casa, pois naquela época não havia cadeia. Revoltados, os manganeses foram para seus acampamentos na mineração e combinaram estratégias que livrariam o amigo da prisão.

No dia seguinte, cem homens voltaram ao povoado em busca do companheiro. Estavam armados com enxadas, picaretas, enxadões e paus de todos os tamanhos. Perguntaram a algumas pessoas onde estava o “Pernambuco”. Não lhes responderam, pois, com medo, não entenderam o que diziam. Ameaçados, padre, delegado e moradores abandonaram atividades, postos, casas e fugiram.

A festa acabou e Mercês de Água Limpa ficou vazia, invadida por estranhos que saquearam e depredaram residências, capela, boteco... Reviraram tudo. Batearam o sino, gritaram e soltaram bombas para chamar a atenção do amigo. Até que ouviram seus gritos nos fundos de uma casa, ao lado da capela. Libertaram-no e retornaram à lida.

Contam que o padre jogou -lhes uma praga:

- Hoje eles estão rindo de nós. Amanhã nós vamos rir deles.

Alguns dias depois, os manganeses ficaram doentes e morreram. Eram necessárias carroças que traziam corpos amontoados para serem sepultados em valas no cemitério. Mesmo sabendo das péssimas condições higiênicas, da carência de recursos daquela gente e das mortais epidemias que assolaram nosso país no início do século XX, ainda hoje há pessoas que acreditam no poder maléfico da praga do padre.

**PESQUISA : 5ª SÉRIE. Coordenação: Profª. Carlita Maria de Castro e Coelho. E. E. de Mercês de Água Limpa, 2004.**

## A FUGA

No início do século passado, a população de Mercês de Água Limpa, ameaçada pelos manganeses revoltados em busca do companheiro preso, fugiu sem rumo certo. Muitos sofreram consequências trágicas.

Uma mulher, que havia dado à luz três dias antes, estava em repouso absoluto. Deitada em sua cama, muito agasalhada, tomava sopa de galinha, café-com-leite, chás com cachaça queimada, tudo muito quente. Feliz, cuidava do filhinho, amamentando-o cuidadosamente, com carinho e amor.

Ao ouvir a gritaria nas ruas e casas, ficou assustada. Embrulhou o filho recém-nascido num cobertor e, correndo, juntou-se aos outros. Ia conforme estava em casa: calçada de meias e sapatos, vestida com blusas e casaco de lã, trazia lenço na cabeça e ouvidos tampados, apesar do calor. Na pressa, preocupada em proteger o filho que trazia nos braços, ao passar debaixo da cerca de arame farpado – a estrada tornara-se estreita para tanta gente – ficou agarrada. Pôs –se então a gritar:

- Pelo amor de Deus, Sr. Manganês, me larga. Não vê que levo nos braços um inocente que nunca mexeu com ninguém? Sou a mulher que deu uma caneca d' água ao senhor aquele dia. Lembra?

Alguém que vinha atrás a desprende do arame, aliviando sua aflição e possibilitando-a de continuar a fuga.

Mais adiante chegaram ao córrego Água Limpa. A mulher, esquecida do repouso e do vestuário, temendo pelo filho, atravessou o córrego pisando na água sem hesitar, encharcando sapatos, meias e a barra da saia.

... e continuava na correria pelo caminho sem rumo e pela tarde afora.

Nunca se soube quando, como, nem onde descansou. Soube-se apenas, dias depois, que havia sofrido um resfriado fortíssimo ao qual não sobreviveu.

Pe. José, compadecido, teria dito:

- Pobre criança órfã! Pobre mulher! Vítima e mártir! Que Deus perdoe seus pecados e a acolha no seu Reino.

**PESQUISA : 5ª série. Coordenação : Profª. Carlita Maria de Castro e Coelho. 2004.**

## MILAGRE!

Conta-se que, quando os manganeses saquearam Mercês de Água Limpa, em busca do amigo preso; o padre, temendo vingança, abandonou festa e povoado, fugindo com familiares, amigos, moradores e visitantes.

O sacristão, Sr. Joaquim Marques, ficou em vigília, sozinho na capela. O sacrário continha a Sagrada Eucaristia, pois ainda haveria missa naquele dia. Depois de algum tempo, percebendo a gravidade da situação, resolveu, ele mesmo, sem autorização do padre, levar a âmbula e ir ao encontro dos fugitivos.

Ajoelhado, rezou implorando as luzes do Espírito Santo e a proteção divina. A exemplo de tantos santos, cujas histórias conhecia, aproximou-se respeitosamente do sacrário. Ainda hesitante, tentou abri-lo usando a chave, conforme fazia o padre. Virou-a e revirou-a várias vezes. Primeiro com muito respeito. Depois carinhosamente. Agora com aflição. Os manganeses já se aproximavam da capela fazendo a maior algazarra. Desistiu. Correndo, desceu a rua em direção ao Capão das Flores. Ganhou a estrada. Sem descansar, quase voando, suado e ofegante, apanhou a comitiva, já bem distante. Num fôlego, disse ao padre:

- Senhor, o Santíssimo Sacramento não pode ficar, permanecer no meio de tanta orgia!

- Tem razão, Joaquim. Volte lá e traga a âmbula com as Hóstias Consagradas. Caminharemos em procissão e haveremos de encontrar, antes do anoitecer, alguma alma boa que nos acolha e nos prepare espaço digno à celebração da Missa.

Conforme viera, o sacristão retornou.

Ao chegar à capela, encontrou-a invadida pelos revoltosos que tocavam ruidosamente o sino e reviravam tudo. Sem medo, passou por eles, aproximou-se do sacrário, ajoelhou-se, fez uma breve oração – talvez pedindo perdão pela profanação do templo sagrado. Depois pegou a chave e ... Milagre! A porta abriu-se com facilidade. Tomou carinhosa e respeitosamente a âmbula, colocando -a delicadamente junto ao coração, debaixo do seu paletó branco de linho, segurando o chapéu com a mão esquerda.

Na capela e na rua, os manganeses – quase cem homens rudes, enraivecidos, agressivos e violentos – silenciaram por alguns segundos, talvez compreendendo a sacralidade e a beleza daquele momento.

Mentalizando orações e cânticos apropriados, depois de caminhar alguns quilômetros, o sacristão juntou-se aos demais, entregando ao padre a Sagrada Eucaristia. Cumprira sua missão! Na sua humildade estava feliz. Como os santos, cujas histórias aprendera com seus pais, transportara, fora guardião e protetor de Jesus Hóstia- Santa.

**PESQUISA : 5ª Série. Coordenação : Profª. Carlita Maria de Castro e Coelho. E. E. de Mercês de Água Limpa, 2004.**

# MAIS CAUSOS...

## DOMADOR DE ANIMAIS

Durante a fuga dos devotos de Nossa Senhora das Mercês, por medo dos manganezes revoltosos, famílias, crianças, jovens e idosos em pânico se atropelavam na estrada estreita.

Pe. José Duque, sua irmã, sua afilhada e o sacristão de São Tiago, Sr. Joaquim Marques, com sua filha, Maria Gabriela, fugiam a pé, pois não tiveram tempo de prepararem seus animais.

O padre levava respeitosa e cuidadosamente, junto ao peito, a âmbula com as Hóstias Consagradas, que deveriam ser consumidas assim que tivesse condições de celebrar a Santa Missa, conforme costume da época.

Iam quase correndo em procissão, cantando e rezando orações de súplica e de louvor a Deus. O sol estava muito quente. Pe. José, que já não era tão jovem, cansado, suave em bicas. Maria, a filha do sacristão, temendo pela saúde do padre e percebendo seu caminhar trôpego, se apressou a ajudá-lo:

- Por favor, gente, será que não tem alguém aí que ofereça ao padre o seu animal?  
 - Eu poderia oferecer, mas meu cavalo veio do peão esta semana. Ainda está bravo, muito inquieto – disse um rapaz.

O padre aceitou prontamente:

- Pois me dê seu animal, meu rapaz. Eu também sou peão, domador de animais. Pode colocar minha afilhada na garupa. Passe-me também suas esporas.

O rapaz retrucou:

- Mas, padre... O cavalo não está acostumado com ninguém na garupa! Esporas, então... que perigo!

- Fique tranquilo. Confie em Deus e em mim – assegurou o padre.

Esse rapaz chamava-se Antônio. Apesar de ser ainda muito jovem, era belo e galante. Vestia-se muito bem e a arreata de seu cavalo era a mais luxuosa daquelas redondezas. Conhecido por sua personalidade forte, era considerado rebelde comparado aos rapazes do seu tempo. Comunicativo e alegre, sua presença era obrigatória nas festas, bailes, novenas e quermesses, sempre rodeado por lindas moças.

Sua mãe, preocupada com seu futuro, temia que pais de família não aceitassem que suas filhas se casassem com rapazes como ele. Ao ser avisada que ele que iria à festa em Capelinha, apressou-se em aconselhá-lo:

- Você não deve ir, meu filho. Capelinha é um lugar muito perigoso. Pense no seu futuro. Você já fez dezoito anos, é muito namorador. Ainda não tem uma namorada firme. Será que quando quiser se casar, vai encontrar uma moça trabalhadeira e prendada, de boa família, que o queira e que os pais façam gosto? E seu cavalo, que ainda não está de todo manso?...

Antônio respondeu-lhe:

- Não se preocupe, mamãe. Sei me cuidar. Sou homem, não tenho medo de nada. Quanto ao casamento, ainda não pensei nisso, quero aproveitar a vida. Homem é do mundo. Vou à festa em Capelinha no meu cavalo bravo. Não me espere. Não sei a hora nem o dia de voltar.

Com olhos banhados em lágrimas, a mãe avisou -lhe:

- Cuidado, meu filho. Se ficar solteirão, envelhecendo sozinho, sem ninguém para cuidar de você, lembre -se das palavras e das lágrimas de sua velha mãe...

Foi esse o rapaz que emprestou o cavalo ao padre e que seguia com a comitiva pela estrada afora, sem destino certo.

Pe. José, a cavalo, levava consigo o Santíssimo Sacramento e Geralda, sua sobrinha e afilhada, na garupa. O povo ia a pé, cantando e rezando, numa procissão desordenada. O animal, inexplicavelmente, parecia um cordeirinho obediente às ordens do seu domador. Misturava-se à multidão de homens, mulheres e crianças. Ora ia à frente; ora, atrás.

Quando chegaram a uma fazenda, foram acolhidos digna e solenemente pela família. Pe. José desceu a afilhada da garupa, apeou-se devolvendo o animal a seu dono.

Agradecido, disse-lhe:

- Que Deus esteja sempre com você, meu filho! Será muito feliz. Terá paz em sua vida. O tempo passou. A profecia concretizou-se.

Antônio casou-se com uma moça linda. Prendada, trabalhadeira e temente a Deus, descendente de família honrada, honesta e bem conceituada na sociedade são-tiaguense. Educaram os filhos que Deus lhes confiou na oração e nos bons exemplos, testemunhando-lhes a fé, o amor e a vivência do caráter digno.

Antônio foi feliz. Viveu em paz. Recebeu em dobro o bem que fez naquele dia..

**PESQUISA : 5ª série. Coordenação : Profª. Carlita Maria de Castro e Coelho. E. E. de Mercês de Água Limpa. 2004.**

## ACOLHIDA

Antes do anoitecer, a comitiva do Pe. José Duque foi acolhida numa fazenda, cujos moradores estavam muito emocionados, pois nunca presenciaram fato semelhante: a chegada do Santíssimo Sacramento numa residência. A dona da casa, que estava grávida, acolheu a procissão ajoelhada na porta, entre orações, cânticos e choro de felicidade. Em pouco tempo, transformou sua casa num espaço celebrativo digno e solene: enfeitou com simplicidade um altar improvisado, usando suas melhores toalhas e flores do campo.

Pe. José celebrou a missa como se fosse num luxuoso santuário e os poucos fiéis que estavam presentes participaram devotamente daquele momento. Depois da celebração, a mulher se apressou em preparar o jantar e as camas para os visitantes. Ela e o marido não cabiam em si de tanta alegria. Os filhos, bem pequenos, não compreendiam o que estava acontecendo. Prometeram-lhes que quando crescessem haveriam de compreender e ficariam felizes, com certeza. Nunca esqueceriam aquele dia!

Depois de conversarem bastante e de boas gargalhadas – a noite estava linda e agradável – foram dormir confortavelmente ao som de mugidos do gado e do canto de galos.

Ao amanhecer, tomaram café e leite quentinho, com biscoitos, queijo e broas. Amigos da Capelinha trouxeram os animais que ficaram por lá e, depois de muitos agradecimentos, Pe. José retomou a viagem para São Tiago.

Finalmente chegou o grande dia! A mulher entrou em trabalho de parto. Em casa – não houve tempo nem como transportá-la para a cidade, chamar um médico ou farmacêutico – ela morreu antes mesmo da criança vir à luz.

Foi levada para ser sepultada em São Tiago. Durante a encomendação do corpo, dizem que Pe. José Duque chorou:

- É um anjo que leva para Deus uma santa! Esta mãe acolheu com tanto amor o Santíssimo Sacramento em sua casa, que Deus a quis para sempre junto de si.

**PESQUISA : 5ª SÉRIE. Coordenação : Profª. Carlita Maria de Castro e Coelho, E. E. de Mercês de Água Limpa, 2004.**